

# Jornal de Melgaço

AVANÇADA

ASSIGNATURA	
Anno.....	1:500
Semestre.....	800
Africa (anno).....	2:000
Brasil.....	3:000

PROPRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR  
**DUARTE AUGUSTO DE MAGALHÃES**  
 REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
 CASA DA CALÇADA

PUBLICAÇÕES	
Por cada linha.....	40 réis
Outras publicações contrato especial.....	
Numero avulso.....	20

## O NOSSO ANNIVERSARIO

COM o presente numero, conta mais um anno de existencia o *Jornal de Melgaço*.  
 Demonstrar que, durante esse periodo de tempo, nos temos esforçado pelo engrandecimento e bem estar desta maldada terra, seria contraproducente, porque esse facto deve estar ainda bem patente aos olhos de todos.

O *Jornal de Melgaço* tem verberado, é certo, o insolito procedimento de uns e a má vontade de outros, devido aos muitos abusos e arbitrariedades commetidas, porque, criando da patria da famosa *Ignes Negra*, não pôde, com bons olhos, acobertal-os. Não está isso na sua indole nem se condona com o seu programma.

Melgaço podia e devia estar mais adeantado e até civilisado, se todos, sem distincção de classe, para isso cooperassem; mas devido ás imposições e caprichos da *senhora Dona Política*, tudo, com pequenas alterações, se conserva no seu antigo estado.

Deixemos, porém, estas considerações para occasião mais opportuna e registemos o nosso anniversario, que constitue um verdadeiro dia de festa, não só para nós como tambem para todos aquelles que se interessam pelas nossas prosperidades.

O nosso programma tem sido e continuará a ser fielmente cumprido, ainda que, para isso, tenhamos de soffrer os maiores sacrificios e difficuldades.

O acolhimento com que temos sido recebido pelos nossos estimaveis assignantes e pelo publico em geral, dá-nos a sa affirmativa.

Recebo, pois, a todos o nosso mais sincero agradecimento.

## Para a festa natalicia do "Jornal de Melgaço"

Do senhor Duarte de Magalhães,  
 querido amigo.

**AFFECITUOSOS** cumprimentos.  
 Isto agora, meus caros e antigos leitores, só muito tremula e vagarosamente, a modos de zoupeira insana, porque este meu pertinaz nervosismo parece que me arrastou a uma senectude consummada.

Um esforço violento, inaudito.  
 Heam de conta que, chamada por um dever de gratidão que me não posso escapar, a ligeira algida da minha rypa e sobre ella tracei estas pallidas garbulhas.

Essa derrubada, inerte, exangue, *fallida* de todo, e, *ipso facto*, só penso (sabe Deus como!) em escandir os meuspeccados (originaes, mortaes, venias e habituaes) e suplico exorar do Senhor a sua infinita misericordia. (Ame.)

Deve-se, porém, a gloria de onde se lobrigam os horrores tetras das minhas cruciantes agruras e, ainda que por momentos, levante-se a tela do palco e, em convivência alegre, fusternal, representemos n'este ruidoso e patido theatro da vida, uma ligeira parodia dos tempos idos saudosamente amentados, saudosamente carpidos.

Se um esforço, por mais uma fugidinha cautelosa por *estavira larga* (salvo seja) dos linguados e logo estaremos no *terminus* d'esta parte m'ardua e sarabuihenta peregrinação.

Si continua

Trata-se, n'esta conjunctur, e tambem n'esta já irremediavel data de glorias patriotismos (Salvé heis de 1640!) de festejar mais ou menos sollemnemente, perante as forças intellectivas de cac um (ou de cada um) porque eu tambem sou gente), o XII anniversario (estimodesto mas correcto hebdomadario), minhoto, para a existencia a minha *nullité* tem feito o mais ardentes votos, não tem passado de votos (muito finhos e singeros, verdade), porque a minha pobre elaboração, em vez causticante e tediosa, e cheia de intermittencias longuissimas, se não tem prejudicado no todo a leitura do jornal, em nada ha contribuido para o seu progressivo florescimento.

N'este caso?  
 Estas frias, procedidas de uma megéra, abalac de desgosto atores, não podem nem devem influir no pa-

dar d'aquellas pessoas a quem uma optima e sá leitura produz o afeito d'um pléto esculento de que resultem eruções agradaveis.

Taes considerações, porém, reportam-se a esse passado em que nos «Murmurios de Monsão», de *saudosa* memoria, eu del pasto ás minhas continuas impertinencias, molestando inexoravelmente a paciencia especial dos leitores de então—hoje abro um parenthesis, resurjo da gélida sepultura, porque aqui, embora o crepitar estrepitoso do foguetorio e os sons ruidosos das phillarmonicas não nos firm os orgãos auditivos, é um dia festivo, consagrado a alegrias, em que nós outros, simples obreiros do progresso da imprensa, vimos depôr nas mãos do illustre director do «Jornal de Melgaço», em attitude reverente, o cartão almiscarado das nossas affectuosas felicitações.

O jubilo de hoje sóbe de ponto, deixem-me assim dizer, porque o anniversario, que reputo auspicioso, d'este seminario, coincide exactamente com uma data que todo o bom portuguez jámais olvidara, uma data que assignala d'um modo brilhante um passado de glorias, de heroicidades, de arrojos inauditos, de victorias assombrosas; um passado que nos engrandece e nos entusiasma, avigorando o nosso temperamento, fortificando o nosso espirito na contemplação mental de grandiosos feitos, soberbos rasgos de valor effluados por essa temeraria fidalguia, cujos nomes refulgem nas paginas inapreciaveis da historia patria!

1.º de Dezembro de 1640!  
 Se não fôra a femineidade do meu sexo e sobretudo este physico achar-se tão desconcertado e avariado, e se não fôra ainda o peso da idade, que não é para brincadeiras, não me iam regressar por momentos aos bellos dias da minha infancia e, n'uns arroubos de delirio, n'uns impetuosos, eu lhes diria o que é o amor do patria, a sua sublimidade, o amor e a coragem dos seus filhos dilectos!

Na actualidade, com summo pezar o presente epocha nota-se um-condemnavel e estúpido indifferença em todos, quando passa, soberba de brilho, uma data famosa. E' porque na actualidade, é porque modernamente consideram-se os antepassados de valor como avancas de destruição, brutamontes de ferocidade...

Exagerarei, talvez.  
 Modernamente o homem de valor é o *ricacho*, a cuja opulencia todos se curvam, magnetizados pelo poderio fomentido do ouro; é o grande *servidor* do Estado que dia a dia, n'uma ancia devoradora, suga as entrinhas do cofre já exhausto de seu impassivel amo, distribuindo por si e alem e prodigamente, e tambem indevidamente o producto de tanta canceira e grande economia.

Esses e muitos outros—multissimos, Santo Deus!—é que, por esses e tantos outros feitos de *heroismo*, são os verdadeiros caudillos do progresso, os verdadeiros salvadores da patria, os unicos defensores da nossa autonomia, os mais arroçados propugnadores dos nossos interesses, as mais puras e lindimas glorias que se abrigam docemente no seio *uberriimo* do velho Portugal!

Oh! manes dos nossos avoengos...

Bastará de enthusiasmos e de miserias. Expandi-me reflectidamente n'um assumpto cercado de melindres, acorrenda por escrupulos de patriotismo.

Rabuglões de velha, verdade?  
 Roubei (tremenda palavra!) um precioso espaço ao «Jornal de Melgaço», desviando-me, o que mais me penalisa, da *linha recta*, isto é, da materia primaria d'este aranzel: embrenhei-me levanamente em considerações totalmente oppostas á solemnisção d'uma data festiva e jubilosa para este hebdomadario.

*Mea culpa, maxima culpa*...  
 A manifestação publica e solemne do meu arrependimento, eil-a peremptoria: a declaração categorica e decisiva de que vou rematar tão prolixo espoche, eil-a prompta, sem mais preambulos, sem apparatusos rodeios, isenta de ambages e circumloquios.

*Il est temps*...  
 Resta-me apenas uma especie de epilogo, se tal me permittem. São duas palavras de reconhecimento dirigidas particularmente ao Sr. Duarte de Magalhães, a cujo bello caracter eu devo a carinhosa hospitalidade que sempre há tido os meus escriptos banaes, e simultaneamente, felicitado pela festa de hoje, almeçando ininterruptas prosperidades ao jornal que tão criteriosamente redige.

Alliviada, assim, a minha consciencia, os meus respetos e... a Deusinho.

Monsão  
 Paula Martins.

## SALVÉ 1.º DE DEZEMBRO!

264 ANNOS são passados depois que tu ó Portugal a patria minha retomaste o teu lugar na consideração universal, hasteando de novo o estandarte das Quinas nas ameias das nossas fortalezas.

60 annos passaste-os tu chorando algemada no captivo do escravidão, onde te precipitaram quando vinhas de ter subido á suprema ventura!

Fôras grande na terra, di-o a espada flammeante de D. Nuno Alvares Perelra; fôras prodigiosa no mar, proclamam-no os atos e pomposos titulos de D. Manoel—*rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'aemmar, senhor da Guiné, da conquista navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India*.

Então não faltava ouro no Erario (d'ouro se faziam até as ferraduras dos cavallos).

Portugal navegava n'um *mar de rosas*.

Mas eis que n'esta abundancia pouco lembram as sublimas doutrinas do Christianismo, e o sentimento enerva-se e os corações corrompem-se. D. João envergonha os dias venturosos de seu pae, D. Sebastião, *inexperiente vaidoso*, amortalha a nação nos campos de Alcaer-Quibir e os abutres descem sobre ella, morto que foi Henrique, o pusillenime, o indigno.

No governo despotico e usurpador dos Filipes ha um terrivel Ollvares, e Miguel de Vasconcellos é o famigerado verdugo que com o cynismo dos bandidos tantas vezes faz chegar á atarabills o honrado portuguez.

Com effeito:  
 Lá fóra, o inimigo apodera-se-nos das colonias, abandonadas; em casa os algozes exacerbam o nosso sofrimento de opprimidos levando o nosso exercito para as carnificinas de Flandres e Catalunha.

Os impostos sóbem n'uma proporção geometrica. As resistencias que ha ao seu pagamento em 1634, e depois com mais vigor em 1637 na cidade de Evora e outras, são cruamente abafadas, e recebe-se em premio o novo vexame de novas contribuições.

Até os estabelecimentos de misericordia e casas de beneficencia são expulsiados dos seus haveres—importavam as lagrimas do orphão faminto, nem o pranto da miseravel!

Nos tribunaes puniam-se os portuguezes com rigor e absolviam-se os hespanhoes com escandalo.

A mãe não tinha segura em casa a honra de sua filha! Poder-se-la soffrer mais?

O jogo era devéras insupportavel. Havia de ter um limite. E teve!  
 40 fidalgos são outros tantos heroes que no dia aprasado—1.º de dezembro de 1640, vão ao Paço fazer-morrer o judas, o traidor M. de Vasconcellos prendem a duquesa de Mantua e dão o grito de liberdade! liberdade!...

*Portugal estava livre!*  
 Agora uma pergunta.

Quando teremos hoje um novo João Pinto Ribeiro, um Sanches de Baena que nos resgate que nos salve d'este *lethargo febril* em que jazemos?

Vede! Portugal lá vae a caminho do Calvario, desfallecido e exangue. Já lhe chamam uma nação moribunda. Amanhã por-lhe-ão talvez o epitapho:—aquí jaz!...

Porque os inglezes argumentarão: «o mundo é da humanidade e por conseguinte...»

Ah, glorioso dia da Restauração, com que saudade devés pois ser lembrado hoje!

Salvé, 1.º de dezembro!

## Lisbõa de relance

A DUARTE DE MAGALHÃES  
 COMMEMORANDO O XII ANIVERSARIO DO SEU JORNAL

CHEGARA a noite e a cidade mostrava-se animada, cheia de vida; a humanidade feliz, isto é, aquelles que não pensam, que não possuem um unico sentimento sobre que a nada se commovem, que só amam o dinheiro o luxo e os divertimentos, que são capazes de tudo para conseguirem os seus fins, passava alegre; uns para os theatros, outros para o jôgo e para as amantes, e ainda outros para os grandes balles para o grande mundo. E toda essa multidão aballava com o maior cynismo e



### NO 12.º ANIVERSARIO DO JORNAL DE MELGAÇO

receder ao bem, que nunca os abandonou e lhes dá ate direito a todas as honras, e que de dia para dia os torna mais queridos, mais orgulhosos e mais cynicos.

Aqui é um orphãozinho que implora a caridade, ali é uma mulher coberta de miseria, mais quem passa um beirão no meio de dois policas e ainda se vê, sobre um dos bancos da Avenida, um operario sem trabalho e namorada que exausto de forças se deixou adormecer!

O orphão fura já por varias vezes preso por furtos; a misera malher que em creança lhe dispensaram todos os cuidados, caminha agora ao acaso em busca do amante que a abandonou deixando-lhe como unica recompensa do seu amor a vergonha, e a certeza de ser mãe dentro em breve; o bebado não quisera pagar a despesa feita n'uma taberna, e o operario havia passado o dia em busca de trabalho sem que alguém o attendesse!

Eu da janella do meu quarto presenciei todas estas scenas, estabeleci o confronto entre uns e outros e pensei commigo: Eis aqui o que é a vida n'um meio sepultado!

No dia immediato ao abrir a mesma janella em que estivera a noite, notei que a rua se achava em parte manchada de sangue e perguntei a quem o que se havia passado; nada de importancia, me responderam, um pobre diabo que ficou debaixo d'um electrico; ao que me parece o homem vinha bebado pois ao minimo encontrão do carro cahiu por terra e de tal fôrta ficou que creio o levaram para a morgue, pois que no hospital se recusaram a acceptar-o, visto estar já morto.

Fiquei um pouco mal disposto com esta noticia, e levado por um não sei que, seguí para a morgue e apenas ali enfiado não me foi difficil reconhecer o cadaver do pobre operario que á noite se deixara adormecer n'uma dos bancos da Avenida.

Retirei-me profundamente commovido e caminhando para a rua do Alecrim, chamou a minha attenção o ver muitos militares de grande uniforme, e iria decerto procurar saber o motivo de tal acontecimento se um landou da Casa Real conduzindo Suas Magestades não fizesse luz no meu espirito explicando-me o facto. Suas Magestades iam partir para Inglaterra...

Lisboa, Nov.º de 1904.

João Feio Ferreri de Gusmão

JOFFGUS.

### AVANTE!

N'a arena jornalística de Melgaço quatro campeões têm debutado: dois *Melgacenses*, *Espada do Norte*, e *Jornal de Melgaço*, o unico que resiste ha 11 annos a todos os embates da sorte.

Os outros tiveram vida ephemera, sossobriaram desalentados, n'um abandono atroz.

Duarte de Magalhães merece, portanto, um bravo! As dedicações como a d'ele pelo jornalismo, são raras n'este meio asphixiante em que vivemos onde intrinsecam e encravam-se bellos caracteres.

A vida accommodaticia attrae, arrasta, enleia as mais bellimas capacidades, os mais consagrados talentos e corcova a confessional. Homens que durante o seu tirocinio escolheram debravar brilhantemente as lides da imprensa em que as longinquoas do seu talento poderiam destacar-se, elevando ao mesmo tempo o nivel moral d'esta região.

Eis porque o *Jornal de Melgaço* tem em nós um amigo. A energia masculina de Duarte de Magalhães conseguirá prolongar-lhe a existência necessaria e util e pela qual fazemos veementes protestos e os sinceros votos de prosperidade.

Avante, pois!

Argos

### Ponte de Lima

Todos cantam sua terra; Também vou cantar a minha.

Carinhosa a Gheron.

Terra minha! Terra minha!  
Outra não ha tão bonita!  
Tens encantos de ranha,  
Podes crer, nenhuma imita.

Em ti respiro a alegria,  
Teus campos dão-me saúde;  
Topo n'elles poesia,  
Jamais esqueçel, os pude!

O teu Lima, rio amado,  
Traz-me sempre recordado  
De frascas e brandas aguas...

Dias felizes, lá os passei!  
Meus fogares, lá os deixei!  
Só não deixei minhas maguas!

João de Sousa

### E' N'ESTE dia de tão saudosas recordações históricas que o nosso prezado *Jornal de Melgaço* entra no duodecimo anno da sua existencia.

Deve ser-nos sempre grato e consolador o anniversario d'uma publicação por mais honesta e humilde que seja.

Esta definição que a imprensa é essa vastíssima arena onde se travam as grandes luctas do pensamento humano.

E o que seria da civilização e onde estaria o progresso scientifico e litterario dos povos sem o maravilhoso invento de Guttemberg e Pedro Schoeffer?

Ora a Imprensa periodica que appareceu, diz a *Litteratura*, no seculo 17 em Portugal, tornou-se no seculo findo uma verdadeira instituição social e um órgão directo da opinião publica.

Hoje por 10 rs. sabe-se o que vale em toda a parte d'este mundo subllunar—e até do outro, se quizermos acreditar no que faz, por exemplo, uma mesinha de 3 pés n'um dos quaes está um lapis que delencia aproveitáveis desenhos e escreve períodos em francez, inglez ou qualquer outra lingua, embora o tal *medium* que influencia—e aqui está o extraordinariamente maravilhoso—ignore essas linguas ou seja mesmo analfabeto!

Hoje é uma exigência do nosso espirito a leitura d'uma revista, d'um periodico—e n'estas cumpridas noites quem ha que os não tenha á sua mesa de cabeceira?

—Tantos compatriotas nossos que estão além mar com que saudades hão-de ler as minuciosas e familiares noticias da sua terra patria que lhes leva o seu *Jornal de Melgaço* e que dá-lhe consolação não experimentam cá as suas familias quando veem os seus nas preciosas correspondencias que o mesmo publica d'aquellas longinquoas paragens!

Ah! saudemos o nosso querido hebdomadario que, além de tudo, tem pugnado sem tibieza nem desfalecimentos pelos interesses d'este bello canto do Minho, e cumpramos assim o sagrado dever de, n'este dia de festa anniversaria, felicitarmos o seu illustre redactor, o Sr. Duarte A. de Magalhães.

S. Pereira.

### O Grito da Liberdade!

A involuntavel M. L. F. L.

COMMEMORAR as datas mais culminantes que abrilhantam as paginas da nossa historia, é um dever verdadeiramente sacrosanto.

Portugal, um paiz de incontestavel honras e façanhas, já não podia permanecer mais tempo as ignominiosas gargalhadas que durante sessenta annos o opprimiram até ao termo.

A apothecose do soldado portuguez encontra-se valentemente, de modo digno e traçada nos fellos assombrosos e gigantes de Quique, Aljubarrota e outros ainda!

Os factos pronuncia-dissimos e ostentosos da nossa historia, bem demonstram e justificam o amor patrio e indomavel audacia que as gerações d'outrora asseguraram á posteridade. Descobrir longinquoas paragens e conquistar pedaços de terra, era o ideal espontaneo e inabalavel dos nossos gloriosos antepassados.

Nós, um povo illustre e guerreiro até á temeridade, já-mais deixaremos desmerecer a immortal epopeia que os lusitanos do passado conseguiram á custa de tanto sangue.

A data da restauração portugueza de 1819, sempre foi e ha de ser preconizada, em manifestações de patriotico entusiasmo, na evolução das gerações!

A historia de Portugal offerece á posteridade, como exemplos de abnegação civica e amor patrio, esta e tantas outras datas que, no andar dos seculos, já-mais se extinguirão como glorias imortredouras.

Eu, ainda na verdura dos annos, quando relembro factos que a nossa historia gloriosamente aponta, sinto arrebatado-me o coração e regosijar-se-me a alma até á loucura!

Eis quando, com amor exclusivo á patria e para immortalisar a fama de *Heroes* que aos nossos antecessores tanto custou, eu me arremessava ferozmente a conquista dos applausos...

peleando até ao martyrio, e tomando como modelos de inaudita coragem os Gamas, os Albuquerque e os Castros.

Portugal, n'um momento de verdadeira perplexidade, invejado e surpreendido pelas garras dos castelhanos e, por sua vez, submettido á miseravel condição de escravo durante sessenta annos, já não podia supportar nem resistir á usurpadora Hespanha.

O povo portuguez, ennobrecido como sempre pelo fidalgo sentimento de *Patriotismo* e *Liberdade*, sujeito a uma nação que em tempos preteritos se havia solemnizado com as mesmas crenças e embalado no mesmo berço, vilipendiado e instigado cada vez mais á humilhação n'uma epocha assignalada, sim, pela irresolução, não queria nem podia sujeitar-se mais á inimiga irmã!

Foi então que, n'um dado e bem agoriro momento, um punhado de bravos, n'um impulso de illimitada coragem, testemunhou á sua patria mais um rasgo de abnegação e amor, engrandecendo-a e honrando-se a si, libertando Portugal do jugo estrangeiro no glorioso e nunca olvidado dia 1.º de Dezembro de 1640.

Foi mais um feito que, como tantos outros, veio doirar e enriquecer as já brillhantes paginas da nossa historia.

Qual ha de ser a nossa resposta, sempre cheia

de fé e de persistencia, sempre submettido ao cumprimento dos deveres mais sagrados, exija o derradeiro sacrificio para, com honradez e dignidade, salvaguardar o estandarte das quinas.

E' esse, como aquelles que em 1640 reconquistaram a *Liberdade* e collocaram no throno D. João IV, que tem direito incontestavel a que os portuguezes d'amanhã comemorem frenetica, entusiastica e patrioticamente, a sua alma, respeitando e venerando profundamente as suas cinzas!

O paradigma da valentia, outrora conquistado e sempre conquistado, ainda hoje orgulhosamente palpita nas veias do portuguez.

E, senão, vejamos o recente combate de Magul, um acontecimento notavel da mocidade actual que, como os antigos portuguezes, desenfreado e cheio de audacia, sustentou a fama de *Heroes* e illustrou as paginas da historia.

Essa pleiade de valentes de 1640, esses intrepidos soldados, esses furiosos e abençoados lusitanos para quem o *Emblema da Liberdade* foi unico ideal, adquirindo assim para sempre o qualificativo de *Heroes de 1640*, merecem que seus nomes sejam hoje eternamente saudados com as signalado enthusiasmo, como symbolos de *dedicação patriotica* e de *abnegação civica*.

Paredes de Coura.

Adolpho Marinho.

### 1.º DE DEZEMBRO

ES chegada esta gloriosa data que todo o verdadeiro portuguez repete com orgulho.

Ella chegou e com ella a triste lembrança d'esse desventurado rei D. Sebastião, que teria continuado a escrever em letras d'ouro a historia da nossa patria se a funesta educação que lhe ministraram os jesuitas Luitz e Martim Gonçalves da Camara o não tivesse tornado um visionario, um espirito fraquissimo e fanatisado a quem a consciencia não deixava ver que estava sendo ludibriado pela Companhia de Jesus—servidora fiel de Filipp de Hespanha—que propostadamente o arrastou á horrorosa catastrophe de Alcazer-Kibir donde nos resultou perdermos a flor do exercito e fidalguia portugueza e vermos velhos fronteiros d'Africa, velhos heróis á quem sol das Indas havia acobreado a pelle curvarem pela primeira vez perante um senhor estrangeiro a sua cabeça gloriosa que a victoria havia aureolado.

Ella chegou e com ella a funesta lembrança d'esse jugo de sessenta annos durante os quaes vimos perder o *valioso* e *glorioso* a nossa armada, durante os quaes tremulara avante, diante os *ques* *esquecendo* que sempre fomos um povo livre a quem as outras nações sempre haviam respeitado e sobretudo a orgulhosa Hespanha.

Ella chegou finalmente e com ella a gloriosa lembrança de que houve emfim homens que se lembraram que eram netos de Vasco da Gama, da D. Francisco d'Almeida, de Affonso d'Albuquerque, Camões, Alvares Cabral e immentes heróis que provam a nossa historia e de que são justamente nos orgulhamos e virmos que era de mais, a taça transbordava e chegado esse glorioso dia se levantaram bradando bem alto que um povo como o nosso não podia admitir jugos e farendo ressurgir a esquecida bandeira de Aljubarrota expulsaram do throno de Affonso Henriques os intrusos que o iam invadindo.

E' essa a data que hoje festejamos. Foi a commemorar essa data que em 1 de Dezembro de 1833 se publicou em Melgaço o primeiro numero d'este estimado jornal em seu venho escrevendo.

Essa publicação mostra o patriotismo do seu proprietario e torna o seu jornal—que hoje conta 11 annos—um monumento commemorativo da data mais gloriosa da historia portugueza.

D'aqui saúdo effusivamente a Duarte de Magalhães, a quem n'este momento desejaria abraçar e sinceramente lhe desejo, assim continue por muitos e muitos annos festejando esta libertadora data.

Fundão—1904.

José Pinto da Fonseca e Costa.

### AOS NOSSOS ASSIGNANTES

TENDO completado o seu XI anno de publicação o *Jornal de Melgaço*, não podemos deixar de agradecer a todos os pssos estimaveis assignantes o obsequio de satisfazerem a importancia da sua assignatura logo que lhes seja apresentado o competente recibo, que desde já agradecemos muito reconhecidos.

Tambem, pela assã de que tudo encareceu, não podemos deixar de aproveitar a occasião para pedir a todos que nos tolerem a alteração que d'ora em diante fazemos no preço da assignatura, alteração que apesar de minima,—pois é apenas de 500 rs. por anno—contingente—recompensa de algum modo as multas despesas que fazemos com a publicação do *Jornal de Melgaço*.

Em compensação, envidaremos todos os esforços para saber corresponder a tão grande obsequio.

A REDACÇÃO